



## ESTUDAR PAULO FREIRE

**Revista e-curriculum: – O Programa Educação : Currículo tinha em seu corpo docente o professor Paulo Freire. A Cátedra hoje é uma homenagem a ele. O senhor é uma pessoa que conhece o trabalho de Paulo Freire com afinco, Como se deu esse processo?**

**Licínio Lima** – Eu me considero um eterno estudante da obra de Paulo Freire. Não me considero realmente um especialista. O Brasil tem grandes especialistas na obra de Freire e fora do Brasil também existem. Eu sou um estudante, um estudante universitário digamos assim; e o estudante universitário estuda lendo as obras dos autores e escrevendo sobre elas.

Aliás, Paulo Freire tem um texto sobre o que é estudar, muito interessante, em que articula estudar e escrever. Como ler os autores, como estabelecer um confronto, um enfrentamento, como ele diz, entre o leitor, o autor e os textos; portanto, desse ponto de vista, eu faço isso recorrentemente. Logo no primeiro ano da universidade, estudei a *Pedagogia do Oprimido*. Estávamos em 1976, num período pós-revolucionário. A revolução democrática, a Revolução dos Cravos de 1974, tinha ocorrido há pouco tempo, e portanto foi um momento interessante para ler essa obra maior, que é a *Pedagogia do Oprimido*.

Li também, nessa altura, alguns trechos da *Educação como Prática da Liberdade*. Freire foi um autor que sempre me interessou muito, até porque, quando era jovem, trabalhei na área de educação de adultos. A partir de 1979, com vinte e poucos anos, estive muito envolvido em



trabalhos de educação de adultos. A tradição da educação popular e a visão crítica freireana era algo importante naquele momento em Portugal, e era algo que tinha prestígio na Europa. Trabalhei, então, com vários autores suecos, especialistas que conheciam e valorizavam a obra de Freire.

### **Revista E-curriculum: Qual a relevância da obra de Paulo Freire para a construção da gestão democrática da escola?**

**Licínio Lima:** A partir dos anos 80, comecei a estudar as questões da organização escolar, da política educativa e da administração da educação, e posso dizer que perdi, naquela altura, algum contacto sistemático com a obra de Freire.

O que ocorre é que no início da década de 90, leio um livro que para mim foi absolutamente decisivo a vários títulos. Leio um livro que resulta de um conjunto de textos e de entrevistas que Paulo Freire deu quando estava na prefeitura municipal de São Paulo, no governo de Luiza Erundina. O livro chama-se *A Educação na Cidade*. Leio-o em finais de 1991 ou no início de 1992. Estava nessa altura preparando meu relatório de disciplina de concurso para professor associado na Universidade do Minho. Estava a pesquisar sobre a Gestão Democrática da Escola, questões de autonomia na escola, questões de descentralização, e aquele livro foi muito marcante.

Primeiro porque me recordou o autor, que conhecera anos antes através dos textos da Pedagogia do Oprimido, mas sobretudo porque me surpreendeu. De certa forma tinha perdido um pouco o rastro da obra de Paulo Freire, e surpreendeu-me estar ele a tratar um conjunto de matérias que eram, naquele momento, as minhas grandes preocupações.

Em 1987-1988, com mais dois colegas, propus um conjunto de alternativas à Gestão Democrática das Escolas Portuguesas, no âmbito da Comissão de Reforma do Sistema Educativo em Portugal. Algumas



dessas propostas foram muito mal recebidas, quer pelo governo quer, nalguns casos, por alguns grandes sindicatos de professores. Devo dizer que quando li a *A Educação na Cidade* não só fiquei surpreendido por Freire estar a estudar coisas novas (eu, enfim, representava mais Freire a escrever sobre alfabetização, educação crítica, conscientização, círculos de cultura) e, de repente, o que verifico é que o seu pensamento e as suas problemáticas são atualíssimos. Tínhamos proposto, quatro ou cinco anos antes, a idéia de Projeto Educativo, a idéia de autonomia da escola, a idéia de descentralização.

Essa foi uma obra que, de certa forma, me levou a reler Freire e a procurar recuperar não só as obras clássicas, mas a procurar a partir daí ler tudo o que o autor foi publicando: *À sombra dessa mangueira*; *Professora sim, Tia não*; *Pedagogia da Autonomia*, que é o último livro publicado em vida por Paulo Freire. Mais tarde leria *Pedagogia da Indignação* e também *Cartas a Cristina*.

### **Revista e-curriculum: A partir de que momento o senhor passa a incorporá-lo em sua vida acadêmica?**

**Licínio Lima:** O que acontece é que a partir daí começo a incorporar Freire nas minhas aulas de Mestrado e Doutorado. Começo a incorporá-lo nos meus textos, através de citações e de referências. E já não só para as questões de alfabetização e educação de adultos, como tinha sido no passado, mas a partir de agora através de novos temas. A partir de 1996 começo a vir sistematicamente ao Brasil, compro os livros, começo a conhecer colegas de Freire e leio alguns conhecidos estudiosos de Paulo Freire: Henry Giroux, Peter McLaren, Donald Macedo, entre outros autores. E também os autores brasileiros como Moacir Gadotti, Eustáquio Romão, Celso de Rui Beisiegel. Faço a partir desse momento uma leitura sistemática das fontes primárias, ou seja, dos livros e dos artigos de Paulo Freire. Hoje, não direi que tenho tudo, mas tenho quase tudo, mesmo textos de apostilas, textos dos mais diversos, edições populares, coisas da Internet, entrevistas que ele deu, vários vídeos com



ele, um programa de rádio muito interessante (Rádio Nederland) sobre a vida e a obra de Paulo Freire.

Bem, começo a recolher todas as fontes primárias e a ler as fontes secundárias. Carlos Alberto Torres, por exemplo. De certa forma remobilizo-me para estudar um autor sistematicamente em toda a sua extensão.

### **Revista e-curriculum: Como se dá a sua autoria em relação a Freire?**

**Licínio Lima:** Ocorre depois da morte de Paulo Freire uma coisa interessante. Há várias homenagens e a Revista *Educação, Sociedade e Culturas*, hoje publicada pela Universidade do Porto, decidiu publicar um número temático da revista todo ele dedicado a Paulo Freire.

A direção da revista pede à professora Luíza Cortesão, professora catedrática da Universidade do Porto, para que, juntamente comigo, façamos o trabalho de organizadores deste número. Fica mais ou menos claro que eu deveria escrever um texto sobre Paulo Freire. Já tinha essa idéia, mas era uma idéia que alimentava para o futuro, não era propriamente para ser realizada em 1998.

Nesse ano, dadas as circunstâncias de estar a organizar o número da revista com a professora Luíza Cortesão, achei que era chegada a altura de escrever esse texto. Parto de uma hipótese de trabalho. Baseado sobretudo em *A Educação na Cidade*, mas também na *Pedagogia da Autonomia*, admito que talvez Paulo Freire tenha muitíssimo a dizer sobre as questões que me preocupam: Gestão Democrática da Escola, Democratização da Escola, crítica à burocracia, defesa da autonomia, defesa da participação na escola. Estes são os temas que investigo já há 25 anos. Portanto a hipótese de trabalho deste texto, que comporta algum risco, é deste gênero.

Parti do princípio de que de todo o pensamento de Freire, ao longo da sua vida, incluiu dimensões não apenas políticas, mas também organizacionais e administrativas. Era uma hipótese de trabalho algo



arriscada. Devo dizer que cheguei a admitir que todo esse esforço pudesse dar em nada. Reli sistematicamente toda a obra de Freire, até textos que são praticamente desconhecidos, por exemplo um relatório de 1961, sobre a Universidade de Recife. Ainda longe do Paulo Freire crítico, ensaísta e problematizador, trata-se de um texto mais banal, mas onde apesar de tudo ele já faz críticas fortíssimas à burocracia brasileira e à burocratização da educação. Serve-se de um autor importante, que ele aliás cita muito nas suas primeiras obras, que é Anísio Teixeira. As críticas que ele faz à burocracia brasileira vão muito na seqüência das críticas que o Anísio Teixeira fez à burocracia no Brasil.

Então há eventos interessantes daquela altura na universidade, há fotografias do *campus*, e um exemplo interessante, que é uma espécie de mutualidade, uma espécie de organização autogerida dos funcionários da universidade, para pagar o funeral, para pagar os medicamentos etc. Mas, dizia ele, não numa lógica meramente assistencialista, mas numa lógica de auto-ajuda, de solidariedade, de auto-gestão e de participação na resolução dos próprios problemas. Já nessa altura, nesse trabalho, fica clara ali a valorização da auto-gestão, da capacidade de autonomia e de organização dos próprios interessados e uma crítica ao assistencialismo, que mais tarde trabalhará em *Educação e Extensão*, um livro que foi escrito no Chile.

A partir daí, faço uma leitura sistemática, como digo de estudante, e não de especialista. De estudante disciplinado que vai ler tudo sistematicamente, tirar ficha de leitura, vai procurar intertextualidades, vai procurar ler e reler as matérias, e vai encontrar muitíssimo material. Evitando duas coisas. Primeira uma sobre-interpretação, quer dizer, eu não quero apenas ler nas entrelinhas, não quero fazer juízo de intenção sobre o que Freire poderá ter dito, ou pensado. Não é isso. Segundo, também não quero, e não fiz isso neste primeiro texto, fazer uma colagem de pequenas citações ou de fragmentos em que ele trata em várias obras de questões organizacionais. O caminho é ver no seu pensamento, e na evolução de seu pensamento, as matérias de

democratização, de gestão democrática, de administração escolar. E isso está muito claro, pois para ele não há política sem administração e toda a administração é política. Isso em Freire é muito claro, e é muito claro desde a *Pedagogia do Oprimido*.

### **Revista e-curriculum: Como o senhor vê Paulo Freire frente a tantas críticas à educação vigente?**

**Licínio Lima:** Todas as críticas à escola burocrática, todas as críticas ao vanguardismo, ao extensionismo, ao *slogan*, colocam Paulo Freire como defensor de uma democracia radical, de uma democracia avançada, de uma democracia entendida como prática da participação. De uma participação verdadeira, que para Freire é a participação no processo de decisão, é a participação como ingerência. Não é participação como mera intervenção na gerência dos outros. Escrevi então um texto intitulado *Mudando a Cara da Escola. Paulo Freire e a Governança Democrática da Escola Pública*.

Verifiquei, então, que o material que recolhi me permitiria, com alguma facilidade, escrever mais alguma coisa sobre Freire. Escrevi um outro texto, um ano depois, analisando e comentando a *Pedagogia da Autonomia* e a recepção que entendia demasiado tecnicista, ou pedagoga, ou até mesmo didactista, que alguns setores europeus estavam a fazer da Pedagogia da Autonomia.

Critico a lógica de uma pedagogia da autonomia como solução meramente didática, fechada no interior da sala de aula, muito centrada nos métodos didáticos, esquecendo todo o entorno político, organizacional, comunitário, etc. Escrevo um texto com um título paradoxal, que muitos leitores têm tido dificuldade em compreender: *Autonomia da Pedagogia da Autonomia*. Parece um trocadilho, aliás se fosse, seria uma boa homenagem a Freire, porque Freire sempre teve muito cuidado com a linguagem e sempre usou a linguagem de uma



forma muito poética. Mas aqui a idéia é essa: também eu sou defensor, como Freire exatamente, de uma pedagogia da autonomia. Agora temos que saber que, a prática da pedagogia da autonomia exige professores autônomos, uma organização escolar com um mínimo de autonomia, ou seja, o campo pedagógico precisa de uma autonomia política, curricular, pedagógica, científica, de avaliação para que essa pedagogia da autonomia possa ser exercitada e possa ser praticada. Não estou a dizer que só é possível a prática de uma pedagogia da autonomia quando a pedagogia já tiver, ela própria, toda a autonomia desejável. Não. O processo é dialético, feito de avanços e recuos.

O que me custa a acreditar é que uma escola heterônoma, altamente controlada do ponto de vista político e administrativo pelo poder central, seja o poder central a Secretaria Estadual, a Secretaria Municipal ou o MEC, no vosso caso, como é que uma escola com essas características consegue romper e encontrar margens de autonomia relativa suficientes para que os professores e as educadoras consigam praticar expressivamente e substantivamente uma pedagogia da autonomia. E, portanto, o que é que faço? De certa forma repolitizo o tema através dos requisitos políticos, organizacionais e administrativos que são necessários à prática pedagógica da autonomia.

Escrito este texto, fico com dois textos muito articulados que estão mesmo a pedir uma coisa óbvia, que é revê-los, juntá-los, aprofundá-los, escrever uma introdução que dê unidade aos dois, e desafiar o Instituto Paulo Freire e, designadamente, o professor Moacir Gadotti e o editor José Cortez, a saber se estão preparados para este risco, que é vir um português de Portugal, alguém que é só estudante de Paulo Freire, propor a publicação de um pequeno livro sobre Paulo Freire.

**Revista E-curriculum: Realmente inusitado, fale mais sobre esse desafio...**



**Licínio Lima:** Esse processo foi muito interessante. Nós acabámos tendo uma discussão, toda uma manhã em São Paulo, sobre esse assunto, no próprio Instituto Paulo Freire. O próprio título do livro foi objeto de uma profunda discussão, até chegarmos a um consenso, e o livro chama-se *Organização Escolar e Democracia Radical*, com o subtítulo *Paulo Freire e governação democrática da escola pública*.

Esse livro foi o primeiro livro que o editor, hoje meu amigo, José Cortez, publicou de um autor português da área da Educação. Ele tinha publicado já um trabalho do professor Boaventura de Souza Santos, mas agora exigia-se-lhe alguma coragem, reconheçamos. Ainda por cima eu insistia em que o texto devia ser publicado no registro da língua portuguesa de Portugal. Não me parece admissível que o português de Portugal seja mudado quando publicamos no Brasil e não me parece admissível (e nós aliás já não fazíamos isso) que estivéssemos a alterar a sintaxe, a semântica e a ortografia dos nossos colegas brasileiros quando os nossos colegas brasileiros publicavam em Portugal.

José Cortez aceita isso e o livro sai. Há um lançamento num congresso, em Lisboa, organizado pelo António Teodoro, em que o Cortez está, o Carlos Alberto Torres e o Moacir Gadotti também. Depois há um lançamento, mais tarde, que foi feito aqui em São Paulo entre a PUC-SP e a Cortez Editora. E esse, felizmente, é um livro que tem tido alguns leitores, pois vai na terceira edição. É também um livro muito utilizado em Portugal, pois não existe edição portuguesa.

Esse livro teve várias conseqüências na minha vida. Já vinha ao Brasil, e já tinha aqui vários amigos, algum trabalho na PUC-SP e na USP. Mas, comecei a vir mais, a ter mais convites, até de prefeituras, por causa do livro.





## **Revista e-curriculum: Como foi a divulgação, a entrada desse livro no exterior?**

**Licínio Lima:** O livro teve algum impacto na Europa, sobretudo em Espanha. Alguns colegas ligados ao Centro de Recursos Educativos de Valência entenderam que seria útil fazer uma tradução do livro para catalão e, portanto, o livro está traduzido em catalão, e neste momento está traduzido também em castelhano, por iniciativa de colegas de Sevilha e de Valência, designadamente Pep Aparicio Guadas e Emilio Luis Lucio-Villegas Ramos.

É muito interessante, são coisas que não se esperam que aconteçam. O interesse que a obra desperta nos meus estudantes de mestrado e doutoramento leva-me a concluir, passado dois ou três anos, que deveria fazer mais alguma coisa. E o que faço, ano sim ano não, é dirigir um curso sobre Paulo Freire. Um curso que é semestral e que se chama *Política e Politicidade da Educação: o pensamento de Paulo Freire*. É a primeira disciplina e única que existe em Portugal numa universidade, com este nome, em que trabalho com os estudantes toda a obra de Paulo Freire. Muito a partir do meu livro, mas enfim alargando aos interesses deles. Estou a lecionar este curso neste momento, no primeiro semestre, já pela quarta vez, e com bastante procura por parte dos estudantes.

Entretanto criou-se o Instituto Paulo Freire de Portugal. Fui, juntamente com a professora Luiza Cortesão, o professor Stephen Stoer e o professor António Teodoro, fundador do Instituto. Assinei a respectiva escritura notarial e fui vice-presidente da primeira direção eleita pelos sócios.

Também já estive no México a trabalhar em torno do livro, a convite do professor Carlos Nuñez Hurtado e com a participação do professor Alípio Casali e da professora Ana Maria Saul, de que resultou um outro livro publicado no México, em Guadalajara, exatamente com os nossos textos e os nossos diálogos em torno da obra de Paulo Freire.

Também estive em Cuba a falar sobre Paulo Freire. Talvez seja até demais só para um estudante, mas a verdade é que é isso que eu quero continuar a ser, um estudante da obra.

### **Revista E-curriculum: para quem é fundamental ler hoje Paulo Freire?**

**Lícínio Lima:** Creio que a obra de Freire é fundamental para quem estuda as questões da Gestão Democrática e da Organização Escolar, da autonomia, da descentralização. Em primeiro lugar porque Freire fala destas matérias com um pensamento distinto, uma linguagem distinta. E isso é altamente inspirador. Estou convencido de que o pensamento de Paulo Freire é atual e é inspirador para os professores e para os educadores e educadoras portuguesas que, nalguns casos, estão um pouco perdidos. Freire é um autor muito forte. Pode-se concordar ou discordar, mas não se pode ficar indiferente, é muito difícil ficar indiferente a Paulo Freire.

Uma segunda razão é que lecionar, dar aulas sobre a obra de Paulo Freire, me faz sentir talvez pior professor, mas melhor pessoa.

### **Revista E-curriculum: Como assim?**

**Lícínio Lima:** O que é que eu quero dizer com isso? Faz-me sentir que minha prática pedagógica como professor está muito longe daquilo que Freire recomenda que seja e defende que seja. Está muito longe do que eu penso que deve ser. No entanto, torna-me consciente dessa distância. E ao tornar-me consciente dessa distância, isto é, daquilo que defendo, das minhas idéias, e daquilo que consigo realizar e que consigo praticar com meus estudantes, nas aulas, nos cursos, nas orientações das teses, acho que isso me torna melhor pessoa do ponto de vista em que me torna a vida mais difícil porque me dou conta das inseqüências, das contradições. Mas essa tensão não deixa de ser criativa e, portanto,



também há aqui uma dimensão pessoal, digamos assim, claramente frutiva, quer dizer, eu adoro dar essas aulas de seminário.

### **Revista e-curriculum: E como o senhor faz estas aulas, ou seja, como é a participação dos alunos?**

**Licínio Lima:** Os estudantes trabalham em pequenos grupos, apresentam as obras, fazem trabalhos muito criativos. Já têm feito entrevistas imaginárias a Paulo Freire, por exemplo; já têm feito vídeos, têm feito apresentações muito interessantes, e portanto creio que desse ponto de vista o pensamento e a linguagem, os conceitos de Freire sobre a administração escolar são uma excelente alternativa, porque ele fala de uma maneira completamente diferente. Não numa linguagem tecnicista ou gerencialista, dependente das teorias e das modas da gestão ou da administração das empresas. Oferece-nos uma alternativa para falar da escola, pensar a escola criticamente, investigar a escola criticamente.

Os estudantes percebem que a autonomia da escola, em Freire, não é uma autonomia gerencialista e tecnocrática que entrega a escola à sorte do mercado. É antes uma autonomia verdadeira, uma autonomia política, uma autonomia legítima do ponto de vista democrático. Exige, por isso, a participação verdadeira como diz Freire. E o que é a participação verdadeira? É a participação como ingerência. Costumo até fazer este trocadilho: não é a participação na gerência dos outros, é a participação como ingerência, é a participação como intervenção no processo de decisão.

Em Freire, os conceitos de autonomia, de descentralização, de Projeto Político Pedagógico, representam uma ruptura com as teorias da Gestão e da Administração empresarial e produtivista, são uma crítica à racionalidade econômica, à racionalidade técnica, que já vem da Pedagogia do Oprimido. A crítica à educação bancária é um dos mais violentos ataques à racionalidade técnico-instrumental, à racionalidade burocrática na educação. Trata-se de uma belíssima porta de entrada para os estudos críticos na área da Administração Educacional, da Sociologia



das Organizações Educativas, que é o que nós fazemos no nosso Departamento.

### **Revista E-curriculum: Como poderíamos iniciar mudanças no cenário administrativo da Educação tomando como referencia os ensinamentos freireanos?**

**Licínio Lima:** Paulo Freire é uma belíssima base para repolitizar a escola, para perceber que toda a administração, todo o ato de gestão escolar encerra em si mesmo uma politicidade, é um ato político. Não há atos meramente técnicos e de gestão, mesmo que seja a gestão corrente das verbas ou dos horários, ou seja o que for. Freire, desse ponto de vista, é fundamental. É um auxiliar para nos permitir uma visão crítica sobre a escola, e para nos permitir um conjunto de ferramentas conceptuais, teóricas, também político-educativas, para quebrar este unanimismo dos tratados da gestão, dos *best sellers*, da adaptação do *just-in-time* à gestão da escola, da gestão da qualidade total e de todo um conjunto de ferramentas produtivistas de extração empresarial que estão cada vez mais, na Europa como na América Latina, como nos EUA, a influenciar as nossas práticas quer como educadores, quer como pedagogos, quer como gestores que também somos, chefes de departamento, diretores de escola, etc.

### **Revista E-curriculum: Professor Licínio, como se deu seu encontro com Paulo?**

**Licínio Lima:** Acho que é interessante saber como é que foi meu encontro com Freire. Ainda por cima nunca conheci Paulo Freire pessoalmente.

Podia até tê-lo conhecido em 1996. Afinal vim ao Brasil a primeira vez em 1996. Os autores importantes que conheço no Brasil, alguns dos quais são hoje meus amigos, conheci-os sempre através dos textos. Só mais tarde nos conhecemos pessoalmente e por casualidade. Não quer dizer



que não tivesse grande interesse em conhecer Paulo Freire pessoalmente, mas há sempre uma certa resistência da minha parte em impor-me às pessoas ou em forçar encontros. De facto nunca conheci Paulo Freire. Os meus alunos ficam muito surpreendidos.

Eu digo, ainda bem que para nós estudarmos e pesquisarmos, não temos que conhecer pessoalmente os autores. Não é preciso conhecer pessoalmente um autor, para admirar esse autor e para fazer aquilo que é mais importante, que não é cumprimentá-lo ou privar como ele. É estudá-lo, e criticá-lo, é fazer reviver a sua obra. A obra de Paulo Freire continua viva, mas só continuará viva se reviver a cada leitura, de cada novo leitor. Porque senão a obra morrerá. Nosso poeta Luiz Camões tem um verso que diz mais ou menos isso de uma forma muito interessante: *aqueles que por obras valerosas, se vão da lei da morte libertando*. O que é a lei da morte? É a lei do esquecimento, não é a morte física, é a lei do esquecimento, de uma obra.

O autor pode ter sido muito importante em vida, e no caso foi, mas a obra morre se não renasce a cada leitura, e a cada releitura, porque a leitura não pode ser mecânica, aliás de acordo com Freire isso é muito claro. E então o que acontece, é que nós devemos estudar os autores através de seus trabalhos, através de suas obras.

Se pudermos conhecê-los pessoalmente numa conferência, num congresso, ou privar com eles, ou até vir a ser amigo deles, bem, excelente. Realmente tenho essa felicidade relativamente a muitos autores importantes no Brasil, na Europa, etc. Mas não foi o caso com Paulo Freire e isso não é coisa que me preocupe. Independente disso, eu estive interessado em estudá-lo. Sigo estudando, sigo ensinando e sigo escrevendo sobre a sua obra e o seu pensamento. Isso é que é relevante.

**A Revista E-curriculum agradece ao Prof. Licínio Lima que nos concedeu esta entrevista exclusiva, em sua última visita ao Brasil, em novembro de 2005.**

